

# VINICIUS TORRES FREIRE

## still life

### I

e era quase outra  
e quase muda,  
essa raiz crestada,  
quando chegou o tempo quase o mesmo.

e era quase outro,  
esse mudo encruado,  
quando brotou da raiz sempre a mesma  
em que tornara o tempo aquela muda  
uma broma verruma,  
uma praga de escaras,  
sem graça vegetal.

e agora imerso é sempre o verme  
sem voz de som e que revolve  
a vala dessa muda:  
que expira pela vulva um sumo de aborto ao inverso,  
tão radicado.

## II

não há nada  
depois de um dia  
antes de outro.

se não era luz  
— cinema prosaico —,  
se era caverna,  
se era moenda,  
máquina, koiné,  
que queime com fogo  
de modo que morra.

não há nada antes de um dia:  
assaltos, roubos, servidões,  
relicários de virtudes inviáveis,  
e a terra plana dá vista para o ar.

escaras de rotina no postigo carcomido,  
escaras de rotina como quem espera  
a tristeza definitiva que o tempo costuma trazer,  
e certamente traz.

## **tão ocaso frio**

foi lua e ramo antes da noite,  
e depois: tão ocaso frio.  
antes açoite que essa grua  
do cio — açude vazado —,  
que baixa de esguelha a promessa,  
a que devia ser veludo e luva  
e é queda de luz e rocio,  
razia e longe, no horizonte.

e o ramo fende apenas vento  
e ela sempre baixa, na sombra,  
branca, perfeita e devagar,  
e envolve o lenho nesse atol  
de atmosfera tão esgarçada,  
estaca no círculo vazio,  
tão ocaso frio, rocio,  
impressão de garoa sobre  
a pele como se tivesse  
amado mas que só roçou.

## **sans merci**

a mulher que nasceu no dia dos mortos  
salgou minhas entranhas e me estocou  
no inverno do meu coração sem dentes.

da cova murcha agora corre apenas vinho acre.  
a mulher de finados do meu fígado fez charque.

a mulher de finados me deixou para sempre  
com os olhos abertos:  
recortou minhas pálpebras e as guardou  
para secar entre páginas velhas.

até hoje mantenho essa expressão de susto,  
se não de cego,  
quando tropeço e encaro o visgo do seu rebuço.